

“ON THE BASIS OF SEX” – SUPREMA

Maria Isabela Cazão*

ON THE BASIS OF SEX (SUPREMA). Direção de Mimi Leder. Diamond Films, Participant Media. 2019. 121 min, col.

Suprema (2018) reproduz a história de vida de uma das mulheres mais exemplares que os Estados Unidos já revelou: Ruth Bader Ginsburg. O roteiro do filme foi escrito pelo novato Daniel Stiepelman, sobrinho de Ruth Ginsburg. Sob a direção de Mimi Leder, o longa-metragem trata a questão de igualdade de gênero no século XX, período em que as mulheres se demonstraram mais conscientizadas socialmente e determinadas diante da não aceitação das condições de subordinação e inferioridade. A abordagem conceitual e o contexto do filme deixa explícito como os homens defendiam a ideia de “pater” relacionado a algo essencial e supremo.

No momento em que o longa demonstra Ruth entrando na faculdade de direito de Harvard, a trilha sonora se perfaz com a música popular de Harvard “Ten Thousand Men of Harvard”, que traduzida para o português significa “Dez mil homens de Harvard”, cuja letra faz menção ao poder daqueles que pertenciam a instituição como homens e a vitória que obteriam como tais.

Em meio a tantas figuras masculinas de terno, surge o vestido azul, mostrando-se tão imponente quanto a grandeza do lugar. Naquela ocasião, haviam apenas nove mulheres em meio a um total de quinhentos homens na sala de aula do curso de direito em Harvard – A instituição só ultrapassou o número de homens pelo de mulheres no curso no ano de 2017, quando a neta de Ginsburg se formou na mesma faculdade.

Assim que todos se sentam, Ruth logo percebe o primeiro olhar julgador do homem ao lado, como quem demonstra insatisfação, decorrente da ideia de que mulheres não deveriam fazer parte daquele meio. Deste modo, a figura do reitor da universidade aparece para as boas-vindas, já deveras com um discurso masculino hegemônico, inicia: “o que significa ser um homem de Harvard?”.

Ruth então observa que não é a única mulher na plateia e que ambas estavam com a mesma expressão de confusão e inconformismo, já que todas traçaram o mesmo caminho que os homens naquela multidão para o curso de direito em Har-

* Discente do curso de graduação em Direito pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Membro pesquisador do instituto ABDCONST através do projeto de pesquisa: “Heurísticas e vieses: a importância da diversidade de gênero para a tomada de decisões democráticas nos Tribunais”.
Endereço eletrônico: m.isabelacazao@gmail.com.

Justificativa: O resumo crítico do filme em questão relaciona-se ao tema da igualdade entre homens e mulheres como preceito fundamental. Ao narrar a história de Ruth Ginsburg, nota-se como o sistema americano se revelou verdadeiramente engessado por décadas, apesar de seu grande viés democrático, e como driblá-lo com novos costumes foi um verdadeiro desafio a cada geração.

vard, obtendo, portanto, o mesmo mérito, bem como, sendo impróprio o uso do substantivo representando apenas um sexo.

Após uma grande pausa, o reitor proclama sobre como um homem de Harvard é um líder, defensor do estado democrático e protetor. Na sequência, nossa personagem se arruma em sua casa perante seu companheiro Martin para o Sarau de boas-vindas da faculdade, realizado especialmente para as mulheres. Ruth, sem acreditar nas próprias palavras pergunta ao marido qual roupa a deixaria mais parecida com um homem de Harvard.

No jantar, o reitor pergunta a cada mulher o que as motivou estar em Harvard ocupando o lugar de um homem. A primeira se levanta e diz ser por conta da atividade exercida pelo seu pai com o escritório de advocacia próprio. Outra, diz que ser porque não se encaixava com nenhuma profissão pré-determinada como feminina, como enfermeira ou professora, e logo em seguida o reitor em tom de desaprovação a repreende. A protagonista por sua vez, percebendo o meio em que estava, utilizou como estratégia para aceitação que o motivo era aprender sobre a profissão do marido, o qual se encontrava no segundo ano do curso de direito, para melhor compreendê-lo e saber não discordar do mesmo.

As mulheres presentes no jantar riem da situação por quão antiquado soava aquele discurso, enquanto o reitor também desaprova apesar de seu viés conservador, talvez até mesmo pelo alvoroço feminino advindo da declaração, não por verdadeiramente se tratar de uma opinião própria, mas sim, como forma de reprimi-las novamente.

Após as aulas, Ruth e o marido participam de um evento. Enquanto brincavam de mimica com os amigos, algo muito comum na época, Martin repentinamente sofre um ataque cardíaco. No hospital, Ruth se frustra após ter de insistir para saber sobre o estado de saúde de seu marido. Chega a ser cômico, logo um lugar onde a maioria das pessoas trabalhando são mulheres, uma mulher não ser tratada com respeito sequer para obter informações sobre a saúde do cônjuge.

Martin é diagnosticado com câncer, tendo suas chances de sobrevivência apontadas em 5%, o que na época representava grande avanço diante de um tratamento inovador. Para driblar a situação, Ruth passa a frequentar não somente suas aulas na graduação, mas também as do próprio marido, realizando anotações, lendo em voz alta para o mesmo e ainda escrevendo suas reflexões. Ainda assim, com tamanha destreza, ela consegue seguir em meio a uma vida familiar e uma filha pequena.

No ano de 1959, o marido consegue um emprego em Nova York, graças ao empenho e apoio de sua mulher. Ruth então se vê em um impasse sobre deixá-lo ir em meio a recaídas de saúde que poderiam surgir do mesmo e/ou permanecer em Harvard para terminar o curso de direito. Ao conversar com o Reitor, Ruth alega que poderia estudar em Columbia, mas é totalmente desaprovada pelo mesmo. O reitor, prezando pelo estrelismo da faculdade nega conceder um diploma de Harvard cursado em Columbia, mesmo que Ruth apelasse pelo lado familiar como motivação.

Tenho vos dito: se o direito a educação era premissa de direitos fundamentais, publicado pela Organização das Nações Unidas no ano de 1948, a atitude de um reitor

de uma universidade de renome, poderia estar fora dos padrões de novos ditames sociais? Poderia o mesmo, realizar a discriminação em cadeia contra algo inerente a todo ser humano, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma ou qualquer outra condição?

Neste ponto, percebe-se mais uma vez o conservadorismo exacerbado e conveniente das atitudes do reitor. Sem nenhuma flexibilidade, o mesmo só oferece duas alternativas para a mulher: ficar e terminar o curso, ou ir com seu marido e deixar Harvard. Nesse momento, Ruth fornece exemplos de outros alunos que realizaram procedimentos semelhantes com autorização do mesmo, no entanto a questão do sexo feminino mais uma vez fala mais alto. A personagem ao se sentir desamparada e menosprezada, percebe que mesmo que fornecesse qualquer motivo ao reitor nada seria digno do atendimento à sua demanda, simplesmente pelo fato de ser mulher. A solução para isso tudo? Com maestria, Ruth se propõe a revisar as leis de ambas as instituições.

Nossa protagonista tenta um emprego como advogada em todos os melhores escritórios da cidade de New York. Com um total de 12 entrevistas, cada uma proclama um motivo como desculpa para não contratá-la, sempre o preconceito velado por ser mulher, dentre as desculpas estaria o fato de que trabalhar com uma colega de turma que era considerada a melhor aluna poderia ser algo intimidador, em uma das ocasiões. No último escritório, Bibler e Greene, o advogado, olhando para o decote inexistente em sua roupa, proclama lhe: “nossas mulheres teriam ciúmes”.

Por fim, Ruth aceita um emprego como professora na Universidade de Rutgers, Nova Jersey e afirma ao marido quando questionada a respeito: “Clyde Ferguson deixou seu cargo de professor na Rutgers, eles não encontraram outro homem negro para substituí-lo então, alguém achou que uma mulher seria a próxima melhor coisa”. Martin diz que sua honra seria a mesma, afinal transmitiria seu conhecimento as próximas gerações, o que estampa mais uma vez a ideia do casal progressista em cena e o quão misóginos os ambientes de trabalho se revelavam a época.

Em 1970, a advogada continua a ministrar aulas, especialmente contente pelas perspectivas revolucionárias e inovadoras daquela geração a qual ensinava. Ruth sempre discursava o nome de sua disciplina e fazia a colocação de que muitos colegas diziam que a discriminação sexual e os direitos eram questões inexistentes, ou até mesmo que ela poderia estar ensinando os direitos de gnomos e fadas, mas ela provaria o contrário. Ao comentar casos de julgados que faziam distinção pelo sexo, argumenta dando exemplos de situações reais impostas pela legislação vigente, detalhando durante a aula que uma mulher, conforme a lei americana da época, não poderia fazer hora extra, nem sua família obteria benefício da previdência social em caso de sua morte, ou poderia perder o emprego ao se casar, somente e tão somente, por ser quem é: mulher.

Martin chamou a atenção da esposa para uma questão tributária, a qual a lei não permitia que um homem fosse cuidador de sua genitora junto a uma enfermeira e recebesse a devida dedução fiscal do governo, pois apenas mulheres possuiriam vocação para a profissão que exigia atenção, cuidado e dedicação total. Tudo porque o peticionário era homem.

A Seção 214 do código tributário assumia que um cuidador deveria ser uma mulher, logo, o caso seria discriminação baseada no sexo contra um homem. Ruth traz o caso à tona para discutir perante o tribunal e progredir no fato de que as leis que diferenciavam os indivíduos em razão do sexo seriam inconstitucionais e, se a Suprema Corte determinasse tal premissa, isso poderia servir de precedente para derrubar todo o sistema da discriminação.

Em busca de renome para a defesa, Ginsburg procura por Melvin L. Wulf, membro da ACLU (American Civil Liberties Union), conhecidos a tempos de faculdade. Mel a reprova fielmente com o discurso de que a moralidade não ganha o dia e isto não seria um caso, mas sim o início de uma guerra de 50 anos.

Com o desenrolar dos fatos, sua filha Jane revela o desejo de escrever a respeito de advogados com grandes casos. Ruth leva a menina para conhecer Dorothy Kenyon e aproveita para apresentar o caso na tentativa de algum apoio. A advogada com postura de experiência imponente a repreende, já que para um caso assim deveria mudar mentes primeiro e só depois mudar o país.

Na volta pra casa, mãe e filha são assediadas por trabalhadores em obras de construção, e Jane demonstra a Ruth a não aceitação perante aquele tipo de atitude machista, repudiando e expressando a força feminina advinda da nova geração. Neste momento, Ginsburg nota que os tempos já mudaram e a nova geração prova isso.

Kenyon em uma conversa com Mel remete o caso de Ruth e provoca o apoio da instituição ao litígio e conclui a importância de ser colocado diante do Tribunal. A estratégia da defesa contra a apelação realizada por Ginsburg era apresentar todas as leis que diziam coisas discriminantes, com a ajuda do secretário de defesa governo mesmo que as normas estadunidense tivessem mais de 20 mil páginas. Um fato interessante a ser observado, é que o reitor de Harvard novamente entra em cena articulando a defesa contra o ganho do caso pela protagonista.

Na residência Ginsburg, um jantar foi inaugural para a sustentação oral de Ruth que deixa suas emoções transparecerem diante dos questionamentos formulados por aqueles que ali estavam e ela tanto admirava. Mel preocupado com o desfecho do caso propõe que outro advogado assumia a posição de Ruth e ao final da discussão recomenda que ela controle suas emoções, Ruth revida dizendo que ele deveria se controlar primeiro.

A parte contrária tenta contato com Ruth para um acordo, momento no qual mais uma vez o reitor se revela presente na figura agora de juiz representante do estado. Como advogada, representando seu cliente, Ruth propõe as condições: o governo deveria ceder ao admitir que seu cliente não deve nada ao estado e que a seção 214 do código tributário seria inconstitucional. Sem acordo, as partes procedem ao julgamento perante a Suprema Corte dos Estados Unidos da América.

Após a sustentação oral sem sucesso realizada por Ruth e apoiada pelo marido, reconhecido pelo sucesso e vocação na oralidade jurídica com questões tributárias, – aqui, vale ressaltar algo que até os dias atuais continua sendo disseminado cultu-

ralmente: a ideia de que tudo o que possui um viés contencioso é próprio ao homem, enquanto aquele que se revela com viés consensual tem vocação feminina –, a parte contrária se baseia no argumento de que a lei estava fundamentada na ordem natural das coisas, conforme o juiz já havia proclamado na sustentação da protagonista.

Para realizar a refutação, Ruth começa dizendo a frase fundamental da defesa: “mudança social radical”. A partir disto, relata o fato de quando estava na faculdade não havia banheiro feminino. Cita que há cem anos a primeira mulher foi a juíza perante o Tribunal para conseguir o direito de exercer a profissão de advogada, bem como, outras reivindicações ao decorrer de um século que não foram atendidas por serem mulheres e reforça: “há cem anos atrás eu não teria o direito de estar aqui. Mudança social radical”.

Para concluir suas alegações, parte da premissa que o Tribunal estava então, defendendo uma cultura com tradições e moralidades de uma sociedade que não existe mais, uma sociedade de cem anos atrás que representa na atualidade verdadeiros obstáculos para as aspirações das novas gerações se as 178 leis relacionadas com a discriminação com base no sexo não forem uma a uma analisada e discutida sob um novo ponto de vista social.

Ruth solicita que o caso se transforme então em um precedente, assim como os tribunais realizaram antes quando a lei está desatualizada. Em contrapartida, o juiz relata que nesses casos havia uma alça constitucional clara, a qual não estaria presente no momento já que a palavra mulher não era mencionada nenhuma vez na Constituição. Ruth então proclama: a palavra liberdade também não, sua honra.

O juiz autoriza que a mesma continue sua refutação mesmo com o término do tempo e Ruth expõe que a decisão seria para fornecer a oportunidade de cuidadores trabalharem fora de casa com a ajuda a todos de forma igual, não se tratando, portanto, de um pedido para o tribunal mudar o país, porque isso já havia ocorrido sem que precisassem de permissão, mas sim, pedindo para protegerem o direito do país de mudar.

Por fim, o filme representou a história da primeira vitória da igualdade de gênero perante a Suprema Corte dos Estados Unidos. Ruth no ano de 1993 fora nomeada pelo então presidente Bill Clinton ao cargo de juíza na Suprema Corte. Hoje, nossa protagonista se tornou um verdadeiro símbolo desta luta por igualdade e motivo de orgulho para a nacionalidade americana. Finalizemos então, com a sua famosa frase: “Eu não peço favores do meu sexo para os nossos irmãos, tudo o que eu peço é que eles tirem os pés de nossos pescoços”.

Nas palavras de Ginsburg, nenhuma lei ou política deveria negar ao sexo feminino “plena cidadania, a mesma oportunidade de aspirar, alcançar, participar e contribuir com a sociedade em função de seus talentos e habilidades individuais”.